

'As plantas vivem uma situação muito semelhante à dos indígenas, dos negros e dos mestiços pobres', diz curador da Flip

Filósofo Evando Nascimento lança 'O pensamento vegetal', livro sobre a relação da literatura com a plantas em que analisa a obra de autores como Hegel e Clarice Lispector

Ruan de Sousa Gabriel

26/11/2021 - 19:31 / Atualizado em 27/11/2021 - 08:40



O filósofo

Evando Nascimento, curador da Flip e autor de "O pensamento vegetal: a literatura e as plantas" Foto: Aline Massuca / Divulgação

Na coletiva em que foram apresentados os primeiros autores confirmados para a 19ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), no mês passado, o filósofo Evando Nascimento, um dos curadores do evento, causou estranhamento nos ouvintes ao afirmar: “nosso lugar de fala é vegetal”. A expressão “lugar de fala” se popularizou ao ser usada por militantes no movimento negro para reforçar a legitimidade de quem fala sobre opressões que experimentou na própria pele. Numa troca de e-mails com O GLOBO, Nascimento explicou que sua intenção ao reivindicar um “lugar de fala vegetal” foi denunciar a “fitofobia” e o “fitocídio”, ou seja o desprezo pelo mundo vegetal e a destruição em massa das plantas, “que se junta ao genocídio indígena e afrodescendente”.

Na contramão de uma tradição filosófica que se estende Aristóteles, na Grécia Antiga, a Heidegger, na primeira metade do século XX, Nascimento é um entusiasta da inteligência vegetal. Neste sábado, ele discute literatura e plantas com o botânico Stefano Mancuso, outro defensor da sabedoria verde, na Flip, que este ano ocorre em formato virtual. A relação entre a literatura e as plantas, aliás, é o tema do novo livro de Nascimento, “O pensamento vegetal”, lançado pela Civilização Brasileira. Em mais de 300 páginas, ele examina como as plantas aparecem na obra de filósofos, escritores e

artistas como Hegel, Clarice Lispector e Frans Krajcberg. Ao GLOBO, Nascimento explicou como o mundo vegetal pode nos ajudar a reformular nossa concepção de inteligência.

— Nossa concepção de inteligência é individualista. Já as plantas pensam e agem coletivamente. Para mim, a verdadeira inteligência hoje está no modo como nos relacionamos com as alteridades vizinhas, plantas e animais, colaborando para que sobrevivamos todos — diz.

Numa das coletivas de apresentação da Flip, você disse: “nosso lugar de fala é vegetal”. O que isso quer dizer?

Considero a reivindicação do “lugar de fala” relevante, desde que não seja abusiva. A expressão sinaliza o desejo que os negros têm de serem ouvidos e de não continuarem a ser apenas representados por pessoas que não tiveram a experiência deles, boa ou ruim. Isso não implica calar outras falas, como se tornou uma opinião generalizada e irrefletida. Ao dizer “nosso lugar de fala é vegetal”, me referia ao fato de que a Flip ocorre em Paraty, uma região de Mata Atlântica. Também quis apontar que os vegetais são cidadãos de terceira classe entre os viventes. Mais ainda do que os tão maltratados animais, as árvores são abatidas sem dó, porque não contra-atacam nem gritam. São existências fragilizadas ainda mais pelos poderes neofascistas. Em 2019, Bolsonaro disse que não lhe interessava nem o índio nem “a porra da árvore”, mas o garimpo. Essa é a expressão mais bem acabada de “fitofobia”. As plantas vivem uma situação muito semelhante à dos indígenas, dos negros e dos mestiços pobres, basta ver a atuação da polícia carioca.

O que é a “virada vegetal”?

Nas últimas décadas, houve algumas “viradas” culturais importantes, como a “virada pós-humana”, que se caracterizou por uma reflexão sobre a relação dos homens com as máquinas, a “virada animal”, que sublinhou a necessidade de repensarmos a nossa relação com esses outros viventes e a violência que lhes impingimos, e, mais recentemente, a “virada vegetal”. Não gosto da palavra “virada”, por vários motivos, o principal é que parece um fenômeno de moda. E não é. Nesses três exemplos, algo foi aprendido e é impossível retornar ao estado anterior. O antropocentrismo que rege nossas vidas humanas foi posto em questão. No entanto, a virada vegetal só é nova se se leva em conta apenas as culturas ocidentais. Para outros povos, não há novidade alguma. Os livros publicados por Davi Kopenawa e Ailton Krenak demonstram isso. Diversos saberes ameríndios e africanos têm outra concepção da existência, não separando radicalmente a espécie humana das outras. Nas próximas décadas, todos esses saberes não ocidentais, que foram sempre reprimidos, vão ter grande influência para as humanidades.

Por que temos mais facilidade em reconhecer a inteligência das máquinas do que a das plantas?

Cada vez mais os cientistas nos convencem de que as máquinas podem ter uma inteligência tão sofisticada quanto os humanos. Até a muitas espécies animais se atribui inteligência, como corvos, golfinhos e cães. Certamente porque, de algum modo, os bichos nos assemelham. Já as plantas não têm quase nenhum órgão que se pareça com os nossos. Parecem imóveis, quase sem vida. Certamente foi por essa aparência enganosa que o verbo “vegetar”, que na origem tinha um significado positivo (animar, vivificar) passou a significar uma vida em estado mórbido ou de coma. Ao longo da

história ocidental os vegetais foram tratados como cidadãos de terceira classe: em primeiro lugar estão os humanos, em seguida os animais e por fim vêm as plantas. Botânicos contemporâneos têm provado com seus experimentos que as plantas são dotadas de uma inteligência e de uma sensibilidade que nada devem às de outras espécies. O italiano Stefano Mancuso tem um importante laboratório de neurobiologia vegetal, no qual faz diversos experimentos para demonstrar a capacidade incrível dos vegetais de resolverem problemas sofisticados. O rebaixamento ocidental em relação às plantas, o que chamo de fitofobia (horror ou desprezo pelas plantas) é estrutural e narcisista: elas não se parecem conosco, portanto achamos que não têm propriamente vida nem muito menos inteligência.

As plantas propõem uma outra concepção de inteligência?

Anthony Trewavas (*cientista britânico*) defende que a inteligência de uma espécie está ligada a sua capacidade de adaptação e de sobrevivência. Até determinado momento de sua história, a espécie humana demonstrou grande inteligência, adaptando-se e sobrevivendo nas regiões mais difíceis do planeta. No entanto, com o advento da revolução industrial, passamos a destruir aquilo de que dependemos para sobreviver: as florestas e os animais. Do lado das plantas, nada disso acontece. Sua capacidade de adaptação e de reprodução nos superam em grande medida. Nossa concepção de inteligência é individualista. Já as plantas pensam e agem coletivamente. Para mim, a verdadeira inteligência hoje está no modo como nos relacionamos com as alteridades vizinhas, plantas e animais, colaborando para que sobrevivamos todos.

Em “O pensamento vegetal”, você se debruça sobre a filosofia, a literatura e as artes em geral. Esses campos do saber são mais apropriados para descobrir o que pensam as plantas?

Não é que eles sejam mais apropriados, mas também sua contribuição a dar no debate. Filósofos, artistas e escritores têm produzidos trabalhos admiráveis nas últimas seis décadas, que servem para abalar os preconceitos antropocêntricos. Na filosofia, isso já começou com o “mais-que-humano” (Übermensch) de Nietzsche, e foi reinterpretado pelos pensadores da década de 1960 em diante. Mais recentemente, Emanuele Coccia e Michael Marder têm dado uma contribuição fundamental para redimensionar a existência das plantas. Nas artes, cito dois brasileiros de grande relevância para as reflexões clorofílicas: Frans Krajcberg e Luiz Zerbini. Krajcberg não só desenvolveu um vasto conjunto de obras a partir de resíduos vegetais como também se tornou um grande “artista”, usando sua arte em defesa da Amazônia, do Pantanal e da Mata Atlântica. Exercitou o “ativismo” muito antes de o indígena Jaider Esbell tê-lo colocado na ordem do dia. A morte de Esbell foi trágica, entre tantos motivos, por ele desenvolver um trabalho decisivo para essa “virada vegetal”, expondo o modo como as culturas indígenas jamais desqualificaram as outras espécies como menos inteligentes do que a nossa. Uma perda irreparável.

Qual é a relação da literatura com as plantas?

Meus primeiros textos sobre literatura e plantas foram escritos a partir de poemas de Alberto Caeiro (heterônimo de Fernando Pessoa) e da ficção de Clarice Lispector. Nesses dois autores, destaquei uma relação empática com a flora. “O Guardador de rebanhos”, de Caeiro, é um lindíssimo poema em que ele questiona nossa relação abstrata com as plantas, defendendo a superioridade delas. Por exemplo: “Ah, como os mais simples dos homens/ São doentes e confusos e estúpidos/ Ao pé da clara simplicidade/ E saúde em existir/ Das árvores e das plantas!”. E a certa altura ele fala de

“minhas irmãs as plantas”. Acho isso de uma força extraordinária: ao contrário da tradição metafísica ocidental, que tudo fez para separar os humanos das outras espécies, ele nos irmana aos vegetais. Já Clarice Lispector tem inúmeros textos em que as plantas são protagonistas. O mais conhecido de todos é sem dúvida o conto “Amor”, em que uma dona de casa típica dos anos 1950 fica perturbada ao ver no ponto de ônibus um cego mascarando chicletes e acaba indo parar no Jardim Botânico do Rio, onde terá uma experiência de êxtase, em tudo distinta de sua vida cotidiana.

Que outros autores dão atenção especial às plantas?

Diversos escritores contemporâneos, em particular poetas mulheres, têm publicado livros notáveis, como é o caso de Louise Glück, vencedora do Nobel, autora do belo “The Wild Iris” (O lírio selvagem). No Brasil, temos Ana Martins Marques, “O livro dos jardins”, em que fala de girassóis, dentes-de-leão e cactos, mas também homenageia mulheres poetas como Sylvia Plath e Orides Fontela, oferecendo-lhes jardins líricos. Também cito Edmilson de Almeida Pereira, Josely Vianna Baptista, Leonardo Fróes, Júlia Hansen, Sérgio Medeiros e outros que também têm publicado textos em que temas vegetais compõem. Ferreira Gullar também publicou um denso poema intitulado “A planta” em sua última coletânea. Em todos esses casos, ao tematizar as plantas, o texto literário amplia nossa sensibilidade para esses vizinhos cuja existência a maior parte do tempo ignoramos.

Você afirma que a urgência da publicação de “O pensamento vegetal” se deveu sobretudo “à tomada de poder pela extrema-direita no Brasil”, que “oficializou a necropolítica”. Qual a relevância política do pensamento vegetal?

Qualquer coisa que se faça hoje para defender a vegetação no planeta, bem como os animais que nela se abrigam, é uma atitude política em sentido estrito. “Política” vem do grego “pólis”, que significa “cidade”. Seria então preciso pensar uma pólis mais respeitosa com as outras formas de vida. Com o governo de extrema-direita, passou-se de uma política oficial protecionista da Amazônia, da Mata Atlântica e do Pantanal para uma política de incentivo à devastação, por meio da grilagem, do desflorestamento para usar os terrenos como pasto e da garimpagem ilegal, que é altamente poluidora. É o que chamo de “fitocídio”, a destruição em massa das plantas, que se junta ao genocídio indígena e afrodescendente. A política oficial agora é: quanto mais essas vidas forem precarizadas, melhor – até o ponto da aniquilação.



Capa do livro "O pensamento vegetal", do filósofo Evando Nascimento, publicado pela Civilização Brasileira Foto: Reprodução / Divulgação

Serviço:

"O pensamento vegetal: a literatura e as plantas"

Autor: Evando Nascimento. **Editora:** Civilização Brasileira. **Páginas:** 350. **Preço:** R\$ 64,90.